



**FACULDADE DA REGIÃO SISALEIRA
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

HEVELIN KAISA DA SILVA SANTOS

**EDUCAÇÃO SEXUAL PELO ENFERMEIRO NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE
DA FAMÍLIA: UM CAMINHO PARA A PREVENÇÃO DE IST'S E GRAVIDEZ
INDESEJADA.**

Conceição do Coité – BA

2022

HEVELIN KAISA DA SILVA SANTOS

**EDUCAÇÃO SEXUAL PELO ENFERMEIRO NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE
DA FAMÍLIA: UM CAMINHO PARA A PREVENÇÃO DE IST'S E GRAVIDEZ
INDESEJADA.**

Artigo científico apresentado ao curso de Enfermagem da Faculdade da Região Sisaleira – FARESI, como requisito de avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientadora: Denieire Santiago.

Conceição do Coité – BA

2022

Ficha Catalográfica elaborada por:
Carmen Lúcia Santiago de Queiroz – Bibliotecária
CRB: 5/1222

S596 Santos, Hevelin Kaisa da Silva
Educação sexual pelo enfermeiro na estratégia
de saúde da família: um caminho para a prevenção
de IST'S e gravidez indesejada /Hevelin Kaisa da
Silva Santos. – Conceição do Coité: FARESI,2022.
18f..

Orientadora: Profª. Deinieire Santiago
Artigo científico (bacharel) em Enfermagem –
Faculdade da Região Sisaleira (FARESI).
Conceição do Coité, 2022.

1 Enfermagem 2 Educação sexual 3 infecções
sexualmente transmissíveis 4 gravidez indesejada.
I Faculdade da Região Sisaleira – FARESI.
II Santiago, Deinieire. III Título

CDD: 610.73699

EDUCAÇÃO SEXUAL PELO ENFERMEIRO NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: UM CAMINHO PARA A PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E GRAVIDEZ INDESEJADA.

Hevelin Kaisa da Silva Santos¹

Deinieire Santiago²

RESUMO

O crescente índice de infecções sexualmente transmissíveis e de gravidez na adolescência associado ao uso inadequado ou não uso de preservativos tem tornado cada vez mais importante a inserção da educação sexual na estratégia de saúde da família para que juntamente com o profissional enfermeiro, a ESF venha a implementar ações de promoção a saúde a fim de contribuir com a redução dos casos de IST e gravidez indesejada. Portanto, este trabalho tem o intuito de contribuir com estudos efetivos nessa área para a implementação de ações educativas em saúde na área de educação sexual. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, realizada com base em 17 artigos científicos e um livro. Foi realizada entre o período de junho de 2020 a junho de 2022. Foram selecionados 18 materiais de base para a realização do presente trabalho, incluindo artigos e revistas relacionados com a área de enfermagem e da educação e o livro fundamentos de enfermagem de POTTER & PERRY edição 08. A educação sexual é definida como uma forma de ensino que busca esclarecer questões relacionadas a sexualidade livre do contexto histórico que carrega estigmas, tabus e preconceitos. O emprego desse tema dentro do processo educativo das pessoas pode resultar na mudança como elas enxergam a sexualidade, garantindo autonomia do seu próprio corpo e levando a práticas sexuais seguras, se tornando indispensável dentro do setor da saúde e nas unidades básicas de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Educação sexual, atenção básica, infecções sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada.

ABSTRACT

The growing rate of sexually transmitted infections and teenage pregnancy associated with the inappropriate use or non-use of condoms has made it increasingly important to include sex education in the family health strategy so that, together with the professional nurse, the ESF come to implement health promotion actions in order to contribute to the reduction of STI cases and unwanted pregnancies. Therefore, this work aims to contribute with effective studies in this area for the implementation of educational health actions in the area of sex education. This is a descriptive research, with a qualitative approach, based on 17 scientific articles and two books. It was carried out between October

¹ Discente de Enfermagem.

² Orientador.

2020 and June 2022. 19 base materials were selected for the present work, including articles and journals related to the area of nursing and education and the book Nursing Fundamentals by POTTER & PERRY issue 08. Sex education is defined as a form of teaching that seeks to clarify issues related to sexuality free from the historical context that carries stigmas, taboos and prejudices. The use of this theme within the educational process of people can result in changing how they see sexuality, guaranteeing autonomy of their own body and leading to safe sexual practices, becoming indispensable within the health sector and in basic health units.

KEYWORDS: Sex education, primary care, sexually transmitted infections, unwanted pregnancy.

1. INTRODUÇÃO

A educação sexual é uma forma de ensino que busca esclarecer questões relacionadas a sexualidade livre do contexto social que carrega estigmas, tabus e preconceitos. (LIMA, 2015). Segundo Figueiró, (1998) no Brasil, os primeiros trabalhos sobre educação sexual ocorreram na década de 1920 a 1930, a fim de reduzir o número de Infecções sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. No entanto atualmente, falar sobre o assunto sexualidade ainda gera constrangimento na maioria das pessoas, seja no contexto familiar, social, nas escolas e no setor da saúde (RIBEIRO, 2018).

Introduzir a educação sexual dentro do processo educativo das pessoas, pode resultar na mudança no modo em como elas reagem às questões sexuais e na maneira como vivem a sexualidade, por este motivo, o emprego desse tema tem se tornado cada vez mais importante nas diversas áreas da vida (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). Podendo contribuir para práticas sexuais seguras e responsáveis, gerando autonomia sobre o seu corpo, podendo prevenir inclusive violências sexuais.

A adolescência é faixa etária entre 10 e 19 anos, período da vida caracterizado por intenso desenvolvimento, que se manifesta por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1996). Neste contexto, o adolescente acaba se tornando vulnerável por ser um grupo social que se encontra em fase de importantes transformações

biológicas e mentais, articuladas a um redimensionamento de identidades e de papéis sociais (SOUZA *et al* 2017).

No ano de 1996, o Sistema Único de Saúde (SUS) criou o Programa de Atenção Integral a Saúde do adolescente. De acordo com este programa, os tabus existentes juntamente com às normas sociais que não aceitam manifestações sexuais geram sentimento de culpa no adolescente que refletem em preocupações e ansiedades fazendo com que as discussões e informações sobre o tema se tornem cada vez mais essenciais na educação e para o processo de saúde.

A promoção à saúde do adolescente nos diversos espaços de atuação deve ser feita de forma continuada e seguindo o princípio do SUS da universalidade. A estratégia de saúde da família, juntamente com o profissional enfermeiro conhecendo o seu território e identificando as demandas das famílias adscritas da sua área tem o domínio para desenvolver estratégias resolutivas que possam contribuir de forma efetiva na educação sexual para adolescentes e na orientação das famílias quanto o assunto. (COREN RJ, 2012)

A escolha de pesquisar sobre esse tema surgiu a partir de vivências da estudante dentro do campo de estágio e pela pertinência e atualidade dele. Durante dez meses de experiência profissional numa unidade básica de saúde foi percebido uma baixa abordagem de ações efetivas desenvolvidas pelas equipes de saúde para a população adolescente quanto a educação sexual. Além de notar o quanto os pais e responsáveis não estão preparados para a orientação dos filhos no que diz respeito à sexualidade. É notória a curiosidade e indagação por parte dos adolescentes neste sentido. O despreparo desses jovens para o início da vida sexual segura e saudável é refletido no crescente índice de adolescentes com gravidez indesejada e ISTs por desconhecimento do próprio corpo, não conhecer ou não saber usar métodos contraceptivos e pela falta de acesso aos mesmos. Portanto, a presente pesquisa pretende contribuir com estudos efetivos nessa área, salientando que novas estratégias focadas na educação sexual devem ser implementadas com o intuito de trazer informação e prevenção.

1.1 MATERIAIS E MÉTODOS:

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, um estudo de revisão sistemática da literatura científica para discorrer sobre a educação sexual prestada a adolescentes em unidades de saúde, pelo enfermeiro e pelas equipes de saúde da família.

Para Silva *et al*, (2016) o objetivo principal da pesquisa de abordagem qualitativa "(...) é o aprimoramento de ideias e a descoberta de intuições. O pesquisador começa com uma ideia e faz a investigação com o objetivo de expandir seu conhecimento em torno de determinado problema". Segundo o mesmo autor, a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada. No presente estudo, a abordagem qualitativa pretende investigar a relevância de tratar do assunto educação sexual dentro das unidades de saúde da família como promoção da saúde. Conforme os seguintes passos: Delimitação do tema, seleção dos estudos, avaliação crítica dos estudos, coleta de dados, análise e apresentação dos dados.

A presente pesquisa foi realizada entre junho de 2020 e junho de 2022. A obtenção de dados foi feita a partir de estudos com base em livros, no SciELO e no PubMed. Utilizando as palavras chaves conforme exemplo: "Educação sexual" "Atenção básica" "gravidez indesejada" e "infecções sexualmente transmissíveis"

Para a realização do presente trabalho foram selecionados materiais 18 de base incluindo artigos, um livro e revistas relacionados com a área de enfermagem e da educação. Entre as dificuldades encontradas pela pesquisadora para a obtenção de dados destaca-se a limitação de artigos que discorram sobre a importância do enfermeiro no processo de educação sexual além da escassez de artigos recentes sobre o tema.

Para a seleção dos artigos foi levado em consideração a data de publicação, a relevância da informação e a sua compatibilidade com o tema em questão.

1. Educação sexual:

A educação sexual é uma abordagem educativa ampla que compreende aspectos culturais, sociais, históricos e biológicos sobre a sexualidade humana (RIBEIRO, 2011). A educação sexual é realizada em diversos ambientes e é aplicada principalmente em escolas, no entanto é indispensável que esse tema seja debatido em outros ambientes como por exemplo em ambulatórios e unidades básicas de saúde visto que a aplicabilidade deste pode contribuir com a redução dos números de gravidez na adolescência, violências sexuais e infecções sexualmente transmissíveis (COREN, RJ 2012)

Segundo POTTER E PERRY, “embora a sexualidade seja uma parte importante de cada ser humano, a investigação e orientações sexuais nem sempre estão incluídas nos cuidados de saúde”.

A questão da sexualidade do adolescente continua pouco debatida imparcial e abertamente pela sociedade, levando a situações de impasse, como gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis (DST). (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

De modo geral, tratar sobre sexualidade não é uma tarefa fácil pois envolve questões sociais, religiosas tabus e preconceitos. Entretanto, a educação sexual pode contribuir para uma perspectiva positiva da sexualidade, contribuindo com a tomada de decisões responsáveis sobre a sua vida sexual e exercendo um papel fundamental na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e as violências sexuais pois as informações transmitidas tem a capacidade de sensibilizar os jovens quanto aos cuidados que precisam ter (LIMA, 2015).

2.1 ORIENTAÇÃO SEXUAL:

A orientação sexual descreve o padrão de atração sexual de cada pessoa ao longo do tempo. Muitos mitos e estereótipos ainda existem acerca das pessoas LGBTQIA+. A chegada da AIDS no ano de 1930 contribuiu para a formação desses estereótipos, pois era intitulada de câncer gay, trazendo inúmeros preconceitos e discriminações aos sujeitos do movimento em questão (SOUZA, 2018).

Evidências atuais indicam que pessoas LGBT tem um menor acesso a cuidados de saúde e não buscam cuidados preventivos prontamente. (POTTER & PERRY, 2013)

De acordo com essa mesma fonte, o profissional enfermeiro que tem uma base sólida livre de julgamentos ajuda a desencorajar esses mitos e prestam cuidados que incluem a orientação sexual de cada pessoa. Tornando-se fundamental que a educação sexual esteja sempre presente dentro das unidades básicas de saúde, visto que este é um ambiente que busca a promoção da saúde e a autonomia dos seus usuários.

2. O adolescente e a sexualidade:

A adolescência é a fase entre 10 a 19 anos e é considerada uma importante fase do desenvolvimento humano pois configura a fase de transição entre a infância e a idade adulta. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017) Marcada por grandes mudanças evolutivas, a adolescência é a idade em que o indivíduo busca a sua identidade pessoal e as primeiras relações afetivas, na maioria das vezes. Essas transformações modificam o relacionamento do indivíduo consigo mesmo, com a família e o mundo, proporcionando a formação da identidade e a busca da autonomia. (COREN RJ, 2012).

As modificações dessa fase da vida fazem com que os adolescentes vivam intensamente sua sexualidade, manifestando-a muitas vezes através de práticas sexuais desprotegidas, o que pode se tornar um problema devido à falta de informação, de comunicação entre os familiares, tabus ou mesmo pelo fato de ter medo de assumi-las. (MACHADO et al, 2019)

Importante ressaltar que o desenvolvimento sexual e as principais características pessoais dos adolescentes resultam da interação biológica, psicológica e social no contexto da família e da sociedade. Sem esquecer que a adolescência é uma fase da vida considerada como a fase de vulnerabilidades, visto que, é o momento em que existem conflitos psicológicos de diversas ordens. Segundo POTTER & PERRY "As alterações emocionais durante a puberdade e a adolescência são tão dramáticas quanto físicas"

A descoberta por prazer tende a acontecer nessa época, tornando necessário que haja uma orientação para esse adolescente acerca de temas como mudanças corporais, atividade sexual, respostas emocionais, métodos contraceptivos, preservativos e infecções sexualmente transmissíveis. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017)

Segundo OLIVERA *et al*, 2009 “De um modo geral, os adolescentes pouco conhecem sobre os métodos contraceptivos, tornando-se vulneráveis devido à falta de opção para evitar uma gravidez não planejada”. A autora ainda comenta que a aids continua sendo a IST mais citada entre os adolescentes, que ainda temem contrair o HIV, mas continuam sem saber realmente as verdadeiras formas de contágio das outras IST existentes.

Um número considerável de adolescentes exerce um comportamento de risco, não usam camisinha e acreditam que a gravidez indesejada, as doenças sexualmente transmissíveis e outros resultados negativos do comportamento sexual de risco não são suscetíveis a acontecer com eles. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

3. O enfermeiro da atenção básica e a educação sexual:

O profissional de enfermagem atua na promoção, prevenção e recuperação de agravos e reabilitação da saúde. Podendo atuar dentro da estratégia de saúde da família de diversas formas na prevenção de infecções sexualmente e transmissíveis e gravidez na adolescência e indesejada. Um bom exemplo das estratégias utilizadas pelo enfermeiro na UBS é a educação em saúde. As intervenções de educação em saúde são aplicáveis, não somente por disseminar informações, mas também pelo caráter preventivo. (COREN RJ, 2012).

A gravidez na adolescência pode se tornar um grande problema de saúde pública. Dentro da ESF, o profissional enfermeiro, por ser o que tem mais conhecimento sobre a sua área adstrita, tem o papel de elaborar estratégias de prevenção e diminuição dos índices de gravidez não planejada, sendo a educação sexual um dos principais e mais efetivos métodos a serem utilizados, por meio de aconselhamento e ações voltadas ao tema. (BRAZÃO *et al*, 2019). Para ser eficaz na promoção da saúde sexual o enfermeiro precisa entender as mudanças sexuais que ocorrem normalmente com a idade.

Esse profissional tem a possibilidade de trabalhar com ações educativas dentro de escolas através do programa de saúde na escola, o PSE e dentro da

unidade básica de saúde. Nas ações educativas com o público-alvo em foco o enfermeiro pode adotar medidas adequadas de interação para tratar sobre o assunto de acordo com as necessidades da população. (CADERNO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2009). Explorando a compreensão, as crenças e as atitudes do paciente em relação a sexualidade e o desempenho sexual.

O Sistema Único de Saúde, disponibiliza por meio da UBS, diversos serviços básicos e gratuitos para a comunidade. Incluindo consultas pediátricas, consultas médicas, de enfermagem, uso de medicamentos intramusculares, endovenosos, vacinas, curativos e entre outros, incluindo o Programa de Planejamento familiar. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017). No ano de 1994, o ministério da saúde, no uso das suas atribuições legais, criou o Programa de Atenção Integral a Saúde da mulher. Quando criada, no ano de 1994, a PAISM elaborou o planejamento familiar como uma das principais ações voltadas para a atenção integral à saúde da mulher. Até então, não havia, no Brasil, política instituída no campo do planejamento familiar. Segundo a mesma fonte planejamento familiar é o conjunto de ações de regulação da fecundidade por meio da disseminação de meios contraceptivos e propostas avançadas para reduzir o número de gravidez indesejada.

O Programa de Planejamento Familiar desenvolvido pelo SUS visa informar as pessoas, por meio de um conjunto de ações e atitudes clínicas e práticas em saúde, bem como orientar quanto a anticoncepção, fornecendo total liberdade de escolha sem distinção para que seus usuários possam, com informação e conhecimento, escolher, de forma segura e eficaz, o momento que considerem mais pertinente para a concepção (COSTA et al, 2013).

A capacitação dos profissionais para atuar dentro do programa de planejamento familiar com adolescentes é indispensável no funcionamento desse programa, pois a maioria dos adolescentes sentem-se envergonhados ao tratar do assunto sexualidade. São, portanto, princípios da Atenção à saúde do Adolescente: A ética, a privacidade, a confidencialidade e o sigilo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Segundo o protocolo de enfermagem para cuidados e tratamento do adolescente, o paciente tem direito à privacidade no momento da avaliação, garantia de confidencialidade e sigilo além de decidir entre o atendimento sem autorização e desacompanhado dos pais.

O paciente pode hesitar em externar as suas preocupações e nesse contexto, o profissional de enfermagem pode se adaptar a uma abordagem descontraída e prática, para que o paciente se sinta à vontade em externalizar os seus sentimentos. Para que o profissional esteja confortável abordando a sexualidade, o enfermeiro precisa desenvolver habilidades de comunicação terapêutica. Muitos valores e questões envolvem a sexualidade, ensinamentos religiosos, influências culturais, crenças sobre a orientação sexual influenciam o sistema de valores, tanto para pacientes quanto para profissionais de saúde. (POTTER & PERRY, 2013). Ainda segundo Potter:

O enfermeiro como educador em saúde pode ajudar o paciente a alcançar a saúde sexual adquirindo uma base sólida de conhecimentos científicos em relação a sexualidade. É necessária uma compreensão básica do desenvolvimento sexual, contracepção, aborto e doenças sexualmente transmissíveis. (POTTER & PERRY, 2013 pg. 693).

Desta forma, o vínculo entre paciente e profissional se torna mais consistente, trazendo o jovem para a unidade de saúde, resultando em um trabalho resolutivo e concreto que possa contribuir para a melhoria das ações voltadas para a atenção à saúde sexual e reprodutiva do adolescente (COREN RJ, 2012).

4.1 O enfermeiro na atenção a gravidez na adolescência.

O índice de gravidez na adolescência tende a crescer a cada ano. Alguns fatores estão associados ao aumento dessa incidência, tais como, a desinformação acerca da sexualidade, o uso incorreto ou não utilização dos métodos contraceptivos, o início precoce da puberdade e a redução da menarca nos adolescentes (OLIVEIRA et al, 2008).

Em nível mundial, segundo a Organização Mundial da Saúde, adolescentes de 15 a 19 anos tornam-se mães de cerca de 15 milhões de crianças, anualmente. No Brasil, o nível de fecundidade de mulheres até 19 anos aumentou entre 1970 a 1980; incremento notável ocorreu nas adolescentes menores de 15 anos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017)

Mesmo com a atual política de atenção à saúde sexual e reprodutiva de adolescentes, a maioria dos serviços de saúde não disponibiliza ações voltadas especificamente para os adolescentes, particularmente na área de saúde sexual e reprodutiva (OLIVEIRA, 2008).

Segundo (BRAZÃO *et al*, 2019) A gravidez na adolescência ocasiona na maioria das vezes algumas dificuldades como maiores riscos de morte materna, prematuridade e baixo peso ao nascer, que é definido pela OMS como o nascimento abaixo de 2500g, sendo a causa de uma maior morbimortalidade neonatal devido a turbulências físicas e psicológicas que são mais frequentes nas adolescentes. Como consequência pode ocorrer o aborto, suicídio, evasão escolar, ingresso precoce no mercado de trabalho, entre outros, o qual influenciam diretamente no futuro do adolescente e da criança. Portanto, a gravidez na adolescência é um desafio social e não somente do adolescente.

Frente a essa situação não se pode mais ignorar o fato de que as adolescentes podem morrer por complicações evitáveis da gravidez, parto ou puerpério pela falta de acesso a um pré-natal de qualidade ou planejamento familiar (TRINDADE, 2016).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem identificado a gravidez na adolescência como um grave problema de saúde pública e um fator predisponente para a perpetuação do ciclo de pobreza, além de ciclos de violência, abandono e abuso de drogas (JANINE, 2021).

Faz-se urgente que os profissionais de saúde da família que lidam diretamente com esta clientela, compreender melhor os riscos que levam a gravidez precoce, no intuito de realizar um trabalho mais efetivo, de prevenção e estimular o cuidado com a saúde nesta faixa etária (TRINDADE, 2016).

Uma boa forma de agir nessa área é facilitando o acesso a contracepção e desenvolvendo ações educativas com o tema sexualidade, riscos e complicações da gestação, do aborto e enfatizando o risco de mortalidade materna e perinatal. Investindo em orientações e atividades voltadas a sexualidade desde a adolescência, garantindo informações a esse grupo. (LIMA,2015). Os profissionais devem promover um acolhimento e uma participação ativa do adolescente para que o mesmo possa refletir sobre os conhecimentos adquiridos e escolhas que pode fazer na sua vida, desenvolvendo dessa forma um senso de autonomia e responsabilidade.

Importante ressaltar que apesar da ênfase na inclusão dos homens como sujeitos do processo reprodutivo, ainda há predominância nos estudos

brasileiros nas mulheres especialmente em relação a gravidez na adolescência. Relacionar os homens adolescentes na gravidez na adolescência é indispensável para agir na raiz do problema, pois a paternidade adolescente pode se relacionar não uso ou uso inadequado do preservativo masculino e a ideia de que a sua principal utilidade seja para evitar infecções sexualmente transmissíveis (FAUSTINO, 2007).

4. As infecções sexualmente transmissíveis

As doenças ou infecções sexualmente transmissíveis estão entre os problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo. Segundo estimativas da Organização Mundial Da Saúde (2013), são infectadas diariamente mais de um milhão de pessoas por IST e quase metade delas tem entre 15 e 29 anos de idade.

No Brasil, as IST mais conhecidas, além da AIDS, são a sífilis, gonorreia, herpes genital e HPV. Estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que as IST mais prevalente na população brasileira sexualmente ativa é a clamídia, seguida da gonorreia, da sífilis, do HPV, do herpes genital e, por fim, a aids (THOMAZ *et al* 2018).

No geral, as ISTS são transmitidas de indivíduos infectados para os parceiros durante o contato íntimo. Podem ser adquiridas tanto pelo homem quanto pela mulher que esteja infectado no ato sexual sem proteção podendo ocorrer por via oral, anal e vaginal. Bem como podem ser transmitidas de mãe para bebê através da gestação, do parto e da amamentação (COELHO, 2021).

Segundo a mesma fonte, a estratégia de saúde da família e as ações de enfermagem desempenham um importante papel no combate e controle das infecções sexualmente transmissíveis. O rastreamento precoce através dos dispositivos que diagnosticam a doença o quanto antes como por exemplo os testes rápidos para sífilis e HIV, a educação em saúde e a orientação durante as consultas de enfermagem são importantes ferramentas a serem utilizadas.

É dever do enfermeiro orientar os usuários do serviço quanto a multiplicidade de parceiros, a importância do uso da camisinha como dupla proteção, importância do tratamento do parceiro para interromper a cadeia de transmissão das IST e

sobre os fatores de risco para contaminação do HPV e suas principais consequências. (TOMAZ *et al*, 2018).

Para POTTER & PERRY a promoção em saúde para esses pacientes inclui a orientação quanto a melhora da saúde sexual e para as medidas de contracepção, as práticas do sexo seguro e a prevenção das ISTS. Importante ressaltar a importância de fornecer informações sobre os sintomas e transmissão das ISTS, uso de preservativos e atividades sexuais de risco, bem como orientar quanto a evitar o uso de drogas injetáveis e o compartilhamento de agulhas.

Ao discutir o sexo seguro é importante considerar a saúde física e emocional desses pacientes. Encorajá-los a realizar os exames regulares para manter a saúde sexual visto que as ISTS na maioria das vezes são assintomáticas e diagnosticadas durante um exame físico com exames laboratoriais adequados (POTTER & PERRY, pg. 706).

5. CONCLUSÃO

A partir do exposto pode-se concluir que a estratégia de saúde da família e o profissional enfermeiro tem grande importância nas ações de educação sexual. Importante considerar que a educação sexual é pautada na confiança estabelecida entre paciente e profissional. Sabendo que a sexualidade está relacionada a todas as dimensões de saúde, o profissional deve buscar criar um vínculo com o paciente livre de julgamentos, reunindo orientações claras e objetivas, que estimulem o auto cuidado e que permita o conhecimento do próprio corpo.

É notório que a saúde sexual contribui diretamente para a sensação de auto estima e relações interpessoais positivas do indivíduo. A adolescência, por ser a faixa etária onde geralmente se inicia as relações afetivas e sexuais, faz-se necessário ampliar o acesso desse grupo populacional aos serviços de atenção básica, assim como, melhorar a qualidade do serviço prestado a essa faixa etária. Incluindo consultas, ações educativas e o maior fornecimento de preservativos femininos e masculinos, inserindo práticas interativas e a escuta qualificada, respeitando suas realidades, vivências e ideais.

O programa de planejamento familiar, as ações de educação em saúde como o programa de saúde na escola (PSE) e as salas de espera com o público

alvo em foco esclarecendo dúvidas e compartilhando conhecimento científico de forma lúdica se mostraram eficazes na maioria dos estudos relacionados a educação sexual. Mostrando que o caminho para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada está na educação em saúde prestada de maneira organizada e efetiva com a participação das equipes de saúde da família obtendo o conhecimento teórico- científico e a sensibilidade quanto aos direitos e respeito a autonomia do paciente.

Visto que a maioria das intervenções de enfermagem que buscam a melhora da saúde sexual é pautada em formas educacionais que exigem orientações, a melhor forma de agir nessa área é desenvolvendo habilidades de comunicação terapêutica e observando cada paciente individualmente, observando pistas comportamentais como contato visual, postura e movimentos estranhos que indiquem desconforto e ansiedade.

6. REFERÊNCIAS:

- 1- FORÇA NACIONAL DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (Brasil). Ministério da Saúde. SAÚDE INTEGRAL DE ADOLESCENTES E JOVENS. **Orientações para a Organização de Serviços de Saúde**, Brasília, p. 10-15, 5 jul. 2007. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescentes_jovens.pdf. Acesso em: 9 out. 2020.
- 2- SECRETARIA EXECUTIVA (Brasília). MINISTÉRIO DA SAÚDE. 1996. **Programa Saúde do Adolescente: Bases Programáticas**, Brasília: Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente, v. 2, p. 04-30, 13 jun. 1996. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_05.pdf. Acesso em: 9 set. 2020.
- 3- GIRONDI, *et al.* A METODOLOGIA PROBLEMATIZADORA UTILIZADA PELO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES. **Cogitare Enfermagem**, Brasil, v. 11, n. 2, 2006, p. 1 a 6. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483648987010.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2020.

- 4- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (Brasil). MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde e Sexualidade de adolescentes**. 2. ed. Brasília: [s. n.], 2017. 72 p. v. 2. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/PDF/2017/maio/05/LIVRO-SAUDE-ADOLESCENTES.PDF>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- 5- MAIA, Ana *et al.* Educação para a sexualidade. **FURG**, Rio Grande, p. 4-20, 2014. Disponível em: https://sexualidadeescola.furg.br/phocadownload/caderno%20completo%20sea_d_volume%2023%201.pdf. Acesso em: 4 dez. 2020.
- 6- Beatriz, BRAZÃO. Planejamento Familiar: **Perspectiva de Ações a serem implementadas na Estratégia de Saúde da Família - ESF.**, [s. l.], ano 2019.
- 7- SAÚDE E SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES. **CONSTRUINDO EQUIDADE**, BRASIL, ano 2017, v. 1, p. 3-72, 15 set. 2017. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexualidade_adolescente_construindo_equidade_sus.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.
- 8- Chagas, RAMOS. **OS RISCOS DA VIDA SEXUAL ATIVAM NA ADOLESCÊNCIA: O RELATO DE UMA CAPACITAÇÃO EM UMA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA**, FLORIANPÓLIS, ano 2018, v. 15, ed. 30, p. 93-83, 20 maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/18070221.2018v15n30p83/37781> Acesso em: 5 out. 2021.
- 9- SUS (BRASILIA). MINISTÉRIO DA SAÚDE. **ORIENTAÇÕES BÁSICAS DE ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DO ADOLESCENTE**, BRASILIA, ano 2013, v. 1, n. 13, p. 4-50, 10 maio 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/orientacao_basica_saude_adolescente.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.
- 10- LIMA, Livia. **A EQUIPE DE SAÚDE DA FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA**, [s. l.], 20 maio 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/294853715.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- 11- ALMEIDA, Anecy. REVISTAS USP: revistas de saúde pública. **Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens**

adolescentes, [s. l.], 5 fev. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/32268/34406>. Acesso em: 05 jun. 2022.

12- OLIVEIRA, Thais. Revista Brasileira de enfermagem. **O Enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes**, [s. l.], 15 jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/r8KTg7hZmqX9NwVhT3hJCQs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2020.

13- TRINDADE, Rodrigo. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA, RISCOS À SAÚDE DA MÃE DO BEBÊ E O IMPACTO SOCIOECONÔMICO. **GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA, RISCOS À SAÚDE DA MÃE DO BEBÊ E O IMPACTO SOCIOECONÔMICO**, [s. l.], 23 dez. 2020.

14- COELHO, Alexandre. UNASUS. **INTERVENÇÃO PARA A PREVENÇÃO E TRATAMENTO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM PACIENTES ATENDIDOS NA UBS TRESIDELA I DO MUNICÍPIO DE COROATÁ-MA**, [s. l.], 14 jul. 2021. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/23924>. Acesso em: 4 jun. 2022.

15- SILVA, Danilo. **Estratégias de prevenção a IST realizadas por enfermeiros na atenção primária a saúde: uma revisão integrativa**, [s. l.], 1 mar. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Hevelin%20Kaisa/Downloads/25528-65671-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 maio 2022.

16- RIBEIRO, Paulo. **EDUCAÇÃO SEXUAL: PRINCÍPIOS PARA AÇÃO**, [s. l.], 2 jul. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana-Claudia-Maia/publication/341262997_EDUCACAO_SEXUAL_PRINCIIOS_PARA_A_ACAO_Doxa_v15_n1/links/5eb60a43299bf1287f77decf/EDUCACAO-SEXUAL-PRINCIIOS-PARA-A-ACAO-Doxa-v15-n1.pdf. Acesso em: 2 maio 2022.

17- SUS (RIO DE JANEIRO). COREN RJ. **Protocolos de Enfermagem na Atenção Primária à Saúde**, RIO DE JANEIRO, p. 4-50, 10 maio 2012. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4446958/4111921/enfermagem.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2022.

18- POTTER, Patrícia A; PERRY, Anne G. **Fundamentos de enfermagem**. Ed. 8ª. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.